

*Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.*

BEN-ROSH



*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)

Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm

Rua Guerra Junqueiro, 840 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A

Rua da Fábrica, 80

PÓRTO

SHABBATH

I

Arbit

Caía a tarde. Defronte, a Sinagoga sombreada pela sua gigantesca palmeira reflectia nas janelas o clarão do sol poente que a parecia incendiar.

Contemplando êste quadro o pensamento transportava-me para um país longínquo, onde também a palmeira dá sombra e onde há igualmente um céu azul e tão santo como o peninsular.

A voz de Yakob despertou-me do meu sonho:

— Abraham, são horas de Arbit.

Levantei-me.

As mulheres haviam já acendido as lâmpadas em honra do Shabbath.

Sáimos, atravessamos a praça e entramos na Sinagoga.

A profusão de luzes fazia contrastar singularmente as negras sobrecasacas com os trajos orientais de alguns e com as túnicas azuis dos rabinos e do côro.

Sentei-me. O Hazan com voz gutural entoava o Lekah Dody a que o Kahal se associava.

— Santuário Rial, cidade santa. Ó Jerusalém! Sai dos teus escombros. Demasiado habitastes no vale de lágrimas...

Basta de tormentos! Basta de angústia! Basta de vergonha, os pobres encontrarão

enfim um refúgio e a cidade levantar-se-á das suas ruínas!

Em seguida o Kahal psalmodia o canto do Shabbath (sábado). Quando o final dêste se perdeu de todo elevou-se a voz do rabino:

— Escuta, povo de Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor.

E num leve cicio termina o Shemah. O côro infantil faz ouvir então o seu doce gorjeio:

— Faz, ó Nosso Pai, que nos deitemos em paz e nos levantemos cheios de vida.

— Estende sôbre nós o pavilhão da paz e favorece-nos com as tuas felizes inspirações.

— Socorre-nos por amor do teu nome e protege-nos.

Perdida a última nota dêste canto, os filhos de Israel levantam-se, voltam-se para o lado da Cidade Santa e inclinando-se elevam, em espírito e verdade, louvores ao Deus de Abraham, de Isac e Yakob.

Agora magestoso e inebriante, envolvendo-nos numa atmosfera de sonho, sobe gradualmente o Ygdal, profissão de fé do povo perseguido e amaldiçoado através os povos e através as idades.

Terminara a oração de Arbit.

A Sinagoga esvazia-se lentamente. No átrio trocam-se apêtos de mão segundo o uso oriental e mutuamente desejam o Shabbath Shalom (um sábado em paz). A noite vai lentamente envolvendo Lisboa no seu manto de trevas.

II

Ceia de Shabbath

A noite caíra rapidamente.

Na casa vizinha ouviam-se já os cantos do Shabbath. Tomamos o nosso lugar à mesa reservando o extremo ao velho Yehudah e entoamos na velha língua santa o belo hino do lar, que a mulher diviniza.

“O preço da mulher excede tudo o que vem dos últimos confins da Terra.”

“O coração do seu marido põe nela a confiança e ela torna-lhe belos todos os dias da vida.”

“Ela abre a sua mão ao necessitado, estende os seus braços para o pobre.”

“Abre a sua bôca à sabedoria e a lei da clemência está na sua língua.”

Levantaram-se seus filhos e aclamaram-na ditosa; levantou-se seu marido e louvou-a.

Agora, o velho Yehudah, segurando um copo cheio de vinho, profere a Berakah (bênção), após a qual leva-o aos lábios, bebe um pequeno gole e por todos distribui o restante.

Toma então o pão, e depois do Hamossy a cada um entrega um pequeno bocado. Sentamo-nos todos.

Começa a ceia e com ela a conversação que depressa se anima.

Cruzam-se os ditos, contos e ingénuas narrações, em que o português e o castelhano se matizam com o árabe e o hebreu. Nenhum eco das paixões que tumultuam lá fora na grande cidade consegue perturbar a alegria e felicidade que reinam nesta deliciosa Babel.

Que noite a de Shabbath! Nela há encanto, beleza e harmonia...

Contou-me um velho Hazan que um dia um judeu quisera ser cristão, mas chegado o Shabbath faltando-lhe a “adafina” voltara para os seus e jamais os quisera abandonar.

Quanta verdade não encerra este conto que na aparência tanta falta de senso revela!

Não foi o prato característico do sétimo dia, não foi a “adafina” por si a causa do regresso do convertido, mas a encantadora noite de Shabbath que ela simboliza.

Em nenhum povo o amor da família tanto se elevou como no judeu, nesse amor

residia o seu segrêdo, o talismã precioso que à raça hebreia deu aquela tenacidade inquebrantável que a caracteriza.

Nações, impérios, raças e tribos brutalmente torturaram e humilharam os filhos de Israel para os esmagar e da terra apagar o seu nome; êsses povos passaram, desapareceram e o judeu pequeno e fraco vive ainda.

E vive, porque, quando, após porfiada e tenaz luta, regressava ao lar já exausto e prestes a sucumbir, no seio dos seus encontrava bálsamo para as suas feridas, consolação para as suas amarguras e lágrimas para as suas desgraças.

III

Shaherith

A manhã de Shabbath estava encantadora. Entrando pelas janelas ogivais, vinha do jardim uma leve aragem perfumada que, acariciando-nos brandamente, nos enlanguescia.

Na Thebah (tribuna) o jovem Haim com a sua voz fresca e sã fazia ecoar por tôda a Sinagoga os Tehelim (psalms) do rei profeta.

Velhos judeus de fisionomia austera entram no recinto, dirigem-se para os seus lugares a passos lentos, envolvem-se no manto nacional (Taleth) e sentam-se.

Nas galerias vêem-se as formosas filhas de Sion que trajam luxuosas e elegantes vestes.

Entram os Rabinos, sobem para a Thebah e envolvem-se nos seus mantos de sêda azuis e brancos.

O Hazan (oficiante) profere uma pequena prece, e todo o Kahal entoando o canto de alegria com que os filhos de Israel após a passagem do Mar Vermelho louvaram o seu Deus, por se verem libertos para sempre da escravidão egípcia.

Assim que se extingue o último eco deste canto (Az Yashir Moshé) o rabino implora do Deus de Yakob.

“—Deus do Universo, estende sobre nós a tua misericórdia.”

“Tu, que nos escolheste entre os povos, despedaça o jugo que sobre nós pesa, reúne-nos aos nossos irmãos dispersos pelos

quatro cantos da terra e restabelece-nos no nosso país.

“Então entoaremos os cânticos de louvor a ti, Deus Grande e Soberano, que abaixas os orgulhosos, que elevas os humildes, que quebras os grilhões dos escravos, libertas os oprimidos e exalças o teu povo.”

É proferida então por todo o Kahal de pé e em silêncio a oração de Amidah.

Vai proceder-se à leitura da Lei. O rabino, descendo da Thebah acompanhado pelos Shamashim (serventes) alguns fiéis, caminha lenta e magestosamente sobre a passadeira que conduz ao Ehal (arca). O Hazan sobe os degraus de mármore e dali diz a tóda a assistência:

— Moshé deu-nos a Lei, que constitui uma bela herança para a comunidade de Yakob.

“É a árvore da vida para os que a ela se amparam.”

“Feliz aquêle que repousa à sua sombra, porque ela os guia por agradáveis caminhos e aprazíveis veredas.”

“A paz está com os que amam a Lei e êsses jamais cairão.

Pronunciadas estas palavras os shamashim fazem deslizar para os lados as tábuas de mármore onde estão esculpidos os dez mandamentos e afastam as cortinas deixando patente o interior do Ehal onde se vêem enfileirados os rolos manuscritos do Pentateuco.

Um dos assistentes, prèviamente designado, tira um Sepher Thorah (livro da lei) e dirige-se para a Thebah onde o manuscrito é despojado das sêdas que o cobrem,

Ali outro hebreu desenrola-o um pouco e eleva-o acima da cabeça para o mostrar a tóda a assistência. O rabino designando o Sefer com um ponteiro de prata exclama com voz forte:

— Eis a Lei que Moshé deu ao seu povo de Israel.

Todo o Kahal se curva perante o livro, estendendo horizontalmente os braços segundo o uso oriental.

Faz-se a leitura da Lei, que é escutada em silêncio profundo.

Nada mais agradável, nada mais confortável para o judeu precito que a leitura da Thorah, em que êle vê o hebreu nómada sobre o dorso do seu útil e dócil camelo, atravessando extensos e ardentes desertos

onde a plenos haustos respira a liberdade.

A Thorah é a árvore da vida, dissera o Hazan, e assim é. Sem ela a raça hebraica de há muito que teria desaparecido da face da terra, como tantas outras, igualmente investidas pelo ódio romano.

O aríete latino pôde arrazar o templo e os muros da Cidade Santa mas não pôde fazer desaparecer o Thorah e portanto a vitalidade hebraica. O orgulho romano julgava que passando a fio de espada milhares de hebreus e espalhando os restantes pelas províncias do seu império, as condições de vida dessas regiões fariam desaparecer todos os caracteres dêsse povo. Vaidade das vaidades. Destruído o Templo, no coração de cada hebreu um novo se formava, em cujo sacrossanto Ehal a Lei de Moshé se encerrou. De tal forma ela moldou a alma hebraica, que embora dispersa por povos e raças mui diversas, não pôde ser influenciada pela sua etnologia, e, quer os judeus habitem Nova-Iorque ou Moscovo, quer Tânger ou Stambul, a todos une a mesma saúde, a todos une a mesma aspiração: — A saúde da Pátria perdida, a aspiração de a poder recoperar um dia.

IV

Habdalah

Quando na noite de Alhad entrei na Sinagoga, já se haviam proferido as orações de Shemah e de Amidah, e Semtob, o jovem Shamash, andava de lugar em lugar entregando a cada um dos assistentes um pequeno ramo de murta.

Feita a distribuição sobre uma coluna de madeira envernizada existente ao lado esquerdo da Thebah numa bandeja de prata, Semtob deposita os ramos que lhe restam. Nesta bandeja além dos ramos, existe um cálice de prata lavrada e um castiçal segurando uma vela de cera.

Entretanto a voz do Hazan, repassada de mágua e dor, evocava o feliz tempo do Mashiah (Messias), “...cujo poder fará florescer a Lei e cuja bôca nos anunciará boas novas; nos há-de livrar das trevas e a luz nos dará”.

Êste canto só é interrompido pelo Kahal

que na velha língua santa, pede ao seu Deus a breve realização das profecias.

Concluindo o canto messiânico (Hab-dalah) o rabino e toda a assembléia elevam as suas vozes:

— Senhor, nosso Deus e Deus de nossos pais, torna todos os dias da nossa vida aprazíveis e felizes.

— Favorece-nos com o dom da sabedoria e da inteligência. Lança a tua bênção sobre a cabeça dos que favorecem o teu povo de Israel.

— Abre-nos as portas da Luz, da Ciência, da Sabedoria, da consolação e da paz.

O Shamash sobe à Thebah, acende a vela de cera, e Rabbi Abraham, sobre o vinho, sobre a murta e sobre a chama pronuncia as Berakot (bênçãos).

Levanta-se agora um jovem todo vestido de negro e com a voz impregnada de tristeza infinda murmura o Kadish (oração fúnebre) honrando a memória do pai recentemente falecido, sobre o qual pede a protecção do Deus da sua raça. A oração do jovem, escutada em silêncio profundo, é interrompida de quando em quando pelo Amem (assim seja) proferido pelo Kahal.

Abrem-se de par em par as portas do

guarda-vento, e os hebreus que vão saindo trocam entre si juntamente com o apêto de mão, o Shabuah tob (uma boa semana).

É o sétimo dia do mês, não podemos retirar-nos ainda porque se vai proceder à Berekat Halebanah.

A lua, no seu crescente caminha vagarosa pelo firmamento, acompanhada por um séquito numeroso de refulgentes estrelas. Ali no jardim da Beth-Akenesset (sinagoga), recinto vedado aos indiscretos olhares por altos muros, os filhos de Israel, contemplando o astro da noite, que os envolvia no seu manto de poética melancólica luz, elevavam ao Onnipotente Deus de Abraham, de Isaac e de Yakob, cantos de reconhecimento e de amor.

Enquanto o meu pensamento restituía cenas idênticas no nosso saudável e sacrosanto país de Kanaan, da cidade subia para o céu um ruído surdo e imenso, característico produto da vida agitada e febril das modernas sociedades.

Publicado no *Intransigente* — Lisboa, 1911.

BARROS BASTO,
(Ben-Rosh).

NA PALESTINA

O REGRESSO AO MAR

A pesca e a navegação comercial foram uma importante profissão judaica na antiga Judéia e começam a torná-lo a ser na Palestina moderna. Eis o que escreve a este respeito M.^{me} Eliza Klausner, no boletim do Departamento para a Juventude da Agência Judaica em Jerusalém:

Os princípios

Toda a fronteira ocidental da Palestina é constituída pela costa mediterrânica que se estende desde o sul do Egito até ao Norte da Síria. As três cidades portuárias Tel-Aviv, Jaffa e Haifa, situadas sobre esta

costa, são centros vitais para a Palestina e todo o Médio-Oriente. Sendo dada esta situação e cuidadosos como eles o são de desenvolver todos os recursos naturais do país, nada há de surpreendente que os judeus consagassem uma atenção sempre crescente ao desenvolvimento das artes marítimas.

Há uns dezóito anos, considerando a importância nacional que elas atribuíam ao desenvolvimento marítimo, algumas pessoas fundaram a primeira instituição marítima judaica na Palestina, conhecida pelo nome de "Zébulon" (porque é à tribo Zébulon, quando a antiga Palestina foi repartida pelas

doze tribos, que coube o privilégio «de habitar sôbre as costas do mar»). A nova associação «Zébulon» agrupa 400 membros.

Com o tempo, duas outras organizações marítimas se criaram: a secção marítima de «Hapoil», a organização desportiva geral do operariado palestinese, cujos membros «navegantes» são hoje em número de 400 e os «Sea Scouts» que fazem parte da Federação dos escoteiros judeus da Palestina. Este último grupo é actualmente o menos numeroso dos três com os seus 100 membros, mas compensa a sua pequenez pela alma que põe à obra.

Estas três organizações de juventude têm sucursais em tôdas as cidades e aldeias da região costeira da Palestina. Pode-se encontrar os seus sócios em Haifa, Hederoh, Césarée, Nathanya, Herzlia, Tel-Aviv, etc.. Os locais dos seus clubes e os seus hangares para barcos estão bem equipados e, como é o mesmo para todos os marinheiros, eles põem o seu orgulho em os manter bem polidos e apetrechados.

A Liga Marítima

Após a guerra, estas associações cessaram de trabalhar separadamente, cada uma segundo a sua boa vontade. Há quatro anos, a Agência Judaica os toma sob o seu controle, dotando-os de material de equipamento, de certas facilidades e duma direcção centralizada.

Uma associação especial, a «Hevel Yami d'Israel» (Liga Marítima Palestinense), estabeleceu para tarefa principal o apoio financeiro a estas organizações marítimas de juventude e, esforça-se, em geral, de suscitar o interêsse pelas coisas do mar e de encorajar o critério dos futuros marinheiros.

A Liga trabalha em estreita cooperação com a Agência Judaica e desempenhou um papel activo encaminhando a atenção de numerosos meios sôbre a importância do desenvolvimento marítimo, em particular no centro do judaísmo palestinese, mas do mesmo modo exteriormente.

A instrução

Desde que a Agência Judaica constituiu uma «comissão para a instrução marítima» composta de judeus tendo conhecimentos técnicos e experiência de navegação, cuja

tarefa consiste em desenvolver as aptidões e talentos semelhantes entre os jovens membros das organizações marítimas. Há entre elles figuras pitorescas e bem conhecidas, como por exemplo o Capitão Ze'ev Hayam (lôbo do mar), o idolo dos jovens futuros marinheiros que êle instrui, e Mr. Benjamin Silberman, o chefe dos escoteiros do mar, actualmente Capitão do pôrto de Tel-Aviv.

A fim de bem imaginar as funções desta comissão, é preciso resumir brevemente o género de treino que dispensou aos jovens nas organizações em questão. Logo à primeira é preciso revelar que notáveis progressos foram feitos logo que estas organizações adoptaram um programa uno sob os auspícios da Agência Judaica. Assim as indicações seguintes se aplicam às três organizações.

Os exames

A idade mínima dos membros era outrora de 15 ou 16 anos, mas baixou para 12-13 anos no princípio da guerra, tendo-se a maior parte dos adolescentes de 17 a 18 anos alistado na Marinha Real ou nos outros serviços da armada britânica.

O treino marítimo numa organização de juventude compõe-se de três graus, exigindo cada um, ano e meio de preparação. No fim de cada grau, um certificado *ad hoc* é concedido depois dum exame especial. O certificado do último grau, A, permite ao seu titular de se tornar instrutor. O júri é composto de membros da «Comissão de Instrução Marítima». Êstes exames são reputados r'e ser muito severos e difíceis e os candidatos são julgados depois das provas mais rigorosas que têm por resultado a selecção dos mais dotados entre elles. O número de candidatos ao exame do grau A é pouco elevado, a maior parte dos sócios se contentam de alcançar o grau B.

O treino

Cursos para aprender a fazer nós, classes de construção e de reparação náuticas, de meteorologia, de navegação à vela, de princípios gerais de navegação, etc., fazem parte do treino. O rifão que os marinheiros não sabem nadar, não se aplica à Palestina, porque o candidato, tendo-se de apresentar ao exame do primeiro grau (C),

deve sujeitar-se a uma prova de natação.

Os exames desenrolam-se à saída dum curso prático de três semanas num acampamento à borda do mar, entre Haifa e Tel-Aviv, situado sobre a praia da antiga Césarée. É aqui que os futuros navegadores passam as suas férias grandes trabalhando duramente sob a direcção dos seus instrutores. A metade da jornada é consagrada a estudos teóricos e a outra metade para a prática de diversas artes e ciências náuticas, desde o manejo da agulha de marear e da bússola, até ao aparelhamento dum navio. Os aprendizes marítimos devem aprender a manejar um barco à vela, devem saber fazer-se ao mar e aportar, conhecer os sinais internacionais, ter conhecimentos de meteorologia, etc..

Os exames seguem este período de treino intenso. A distribuição dos diplomas faz-se por ocasião duma cerimónia solene, segundo todos os ritos marítimos.

● serviço

Qual será a futura profissão destes jovens? Em tempo de paz, poderiam exercer a sua actividade nas diversas indústrias marítimas judaicas, trabalhar como pescadores sobre barcos de pesca judeus, como mecânicos ou engenheiros de navios. Presentemente, em tempo de guerra, a maior parte deles alistam-se imediatamente. O serviço na Marinha Real é acessível aos Palestinos e, desde o começo da guerra, 1.000 deles estão alistados, dos quais a maior parte são membros das organizações marítimas judaicas. Desde então há 300 Judeus palestinos na marinha mercante, outros 650 fazem parte de unidades de desembarque e dos quais 300 foram feitos prisioneiros durante a batalha da Grécia,

Há também aproximadamente 1.100 pessoas civis ocupadas em diversas actividades marítimas. Hoje, o judaísmo palestino pode-se orgulhar de cerca de 20 oficiais navais de diversas patentes e de 6 ou 8 capitães de barcos mercantes. A idade média dos voluntários é de 21 anos aproximadamente. Estes jovens tiveram por certo no principio da sua nova vida sobre o mar muitas dificuldades a vencer, mas adaptaram-se rapidamente e completamente às suas novas condições.

● Os judeus tornam-se marinheiros...

A coisa importante no caso, não é o seu número, mas o facto que pela primeira vez na história judaica, desde dois mil anos que os Judeus deixaram a Palestina e começaram a sua vida errante através do mundo, tornaram a ser para o mar tanto como filhos dum povo livre.

Os sports náuticos igualmente tomaram um lugar cada vez mais importante na vida da comunidade judaica. Na ribeira Yarkon, no arrabalde de Tel-Aviv, onde todas as três organizações marítimas têm o seu clube e os seus hangares, os clubes de remadores reencontram-se em regulares competições. Este mesmo desporto está muito desenvolvido também em Haifa. A vela é igualmente muito praticada.

Lentamente, como toda a actividade rara e nova, a ideia do trabalho marítimo ganha raízes nos corações dos Judeus da Palestina. A escola marítima de Haifa fornece uma grande contribuição para este movimento de "regresso ao mar" insinuando aos rapazes os conhecimentos necessários para os tornar aptos às diversas actividades marítimas.

... e pescadores

A juventude judaica na Palestina reconheceu que só a navegação é insuficiente para as necessidades económicas do país. Compreenderam que o mar deve tornar-se uma fonte constante de rendimentos para numerosas pessoas e foi assim que colónias de pescadores se estabeleceram ao longo de toda a costa palestina. Em 1936, a primeira destas colónias, a aldeia de "Sdot Yam" foi fundada à beira-mar por o "Noar Haoved" a organização trabalhadora de juventude da Palestina. O seu exemplo foi depois rapidamente seguido por outras oito colónias de pescadores que todas constituíam uma base firme para uma renascença marítima efectiva.

*
* *

Por ocasião duma recente reunião de pescadores judeus efectuada na aldeia de Maopilin Gordonia, perto de Athlith, Mr. J. Gruenbaum, membro da Comissão Executiva da Agência Judaica, passando revista

GUERRA AOS MAUS

«Há milhares d'annos que se combate a mentira. A mentira e todos os attributos da maldade,

A *Calumnia* foi um dos quadros mais celebres do grande pintor grego Apelle. Diz-nos Alberti «o genio mais universal da primeira Renascença», no seu *Tratado de Pintura*, segundo Luciano, (Rhetorico e philosopho grego):

«Eis, escreveu elle, a descripção da *Calumnia* como, segundo o relato de Luciano, Apelle a pintou: «Via se n'essa pintura um homem com grandes orelhas, ao lado do qual estavam duas mulheres, uma que se chamava a *Ignorancia* e outra a *Superstição*. Avançava para elle a *Calumnia*: uma mulher de muito boa apparencia, mas com um rosto *velhaco*, tendo n'uma das mãos um archote aceso, e arrastando com a outra, pelos cabelos, um mancebo que erguia os braços para o céu. Havia tambem um homem pallido, feio, de rosto feroz; servia de guia á calumnia e chamava-se a *Inveja*. Outras duas mulheres, ainda, acompanhavam a *Calumnia*, tratando-lhe dos vestidos e dos enfeites; uma era a *Perfidia*, outra era a *Fraude*. Atrás vinha o *Remorso*, uma mulher vestida de luto, rasgando-se toda, seguida por uma rapariga, modesta e pudica, que se chamava a *Verdade*».

Este assumpto impressionante foi reproduzido muitissimos annos depois por Botti-

às actividades marítimas judaicas, sublinhou que os Judeus contribuem actualmente para 27 0/0 ao produto da pesca palestinense, contra 2 0/0 sòmente em 1939.

Falando na mesma reunião, Mr. Bar-kochba Meirowitz, director do Departamento Marítimo da Agência Judaica, revelou que a Agência Judaica prepara para o após-guerra a criação duma companhia judaica de navegação e a dilatação sòbre tòda a costa mediterrânica da Palestina, de aldeias judaicas de pescadores que serão centros de enlêvo para a juventude judaica.

celli, um dos precusores da arte moderna da Renascença. Mas não tentou somente, diz-nos o critico d'arte Armand Dayol, o pincel de Botticelli; outros grandes artistas, Mantegna, Raphael, tentaram reproduzir a famosa scena do quadro de Apelle.

Houve quem visse no quadro da *Calumnia* uma allusão ás perseguições e aos supplicios de que foi victima Savonarola de quem Botticelli foi admirador e partidário. Savonarola, frade italiano, ergueu o pendão da revolta contra a enorme corrupção que reinava em Italia no tempo do papa Innocencio VIII e de Lourenço de Medicis. Vencido, depois de sujeito aos tormentos mais atrozes, foi queimado vivo.

O quadro *A Calumnia d'Apelle*, de Botticelli, está no Palacio *dos Offices*, de Florença, Galeria de pintura, salla XXX chamada a salla de Botticelli. É considerada uma obra prima.

É notavel a assimilação de defeitos e de vicios do quadro. Apelle juntou á *Calumnia* a *Ignorancia*, a *Superstição*, a *Inveja*, a *Perfidia* e a *Fraude*. Era certo. Já n'essa remota antiguidade se entendia que um defeito ou um vicio nunca vem só. Já n'essa remota antiguidade se estendia que se devia combater o mal por todas as formas, até a da pintura, pois é a profundeza do mal, a corrupção dos homiens que leva á morte as sociedades.

A transigencia com os corruptos, com os devassos, com os tratantes, com os videirinhos, que antepõem a tudo o seu interesse individual, é um crime de lesa patria. A primeira condição de patriotismo é o amor da virtude.

Eduquemos pelo exemplo, nós os dirigentes da sociedade, peço exemplo do desinteresse, da devoção civica, da justiça, da verdade, se quisermos ter auctoridade para mandar a gente para nos obedecer».

Do Povo de Aveiro.

HOMEM CHRISTO.

Visado pela Comissão de Censura

Comunidade Israelita do Pôrto

(KAHAL KADOSH MEKOR HAIM)

MAPA DAS RECEITAS E DESPESAS DO ANO DE 1943

RECEITAS		DESPESAS	
Saldo do ano antecedente:		1.ª Secção — CULTO:	
5.ª Secção — (Hebrah Kedishah) — Repouso Eterno — Fundo do Cemi- tério	3 034\$57	Moreh	3 750\$00
Fundo geral	863\$25	Diversas despesas	740\$40
Quotizações e donativos	1.835\$00	2.ª Secção — INSTRUÇÃO:	
Subsídio do Portuguese Maranos Committee de Londres	9.950\$00	Impressão do livro de Ensino	1.030\$00
5.ª Secção — REPOUSO ETERNO:		Artigos escolares	26\$00
Juros líquidos do Fundo do Cemitério	20\$54	Assistência escolar	950\$00
		Impressos	77\$00
		3.ª Secção — PATRONATO DOS TRA- BALHADORES:	
		Assistência a diversos	622\$10
		4.ª Secção — SIGNO VERMELHO:	
		Medicamentos	8\$7
		Assistência clínica	717\$00
		6.ª Secção — AMPARO AOS DESTER- RADOS:	
		Assistência	220\$00
		Despesas gerais:	
		Água, luz e saneamento	717\$70
		Servente e guarda nocturno	807\$50
		Diversas despesas	346\$90
		Telefone	499\$10
		Despesas especiais:	
		À Comunidade de Bragança	2.011\$90
		Diversas despesas	99\$00
			12.623\$30
		Saldo para 1944	3 080\$06
	15.703\$36		15.703\$36

EXPLICAÇÃO DO SALDO:

Fundo do Cemitério	3 055\$11
Fundo Geral	24\$95
	<u>3.080\$06</u>

Pôrto, 31 de Dezembro de 1943.

O MAHAMAD.